



Tabela 1 – Enterros por género e faixa etária (São Joaquim, 1918).

Faixa Etária	Masculino	Feminino	Total
0 a 12 meses	58	36	94
1 a 4 Anos	21	15	36
5 a 9	5	5	10
10 a 14	2	4	6
15 a 19	13	14	27
20 a 24	30	15	45
25 a 29	27	12	39
30 a 34	24	10	34
35 a 39	22	8	30
40 a 44	14	8	22
45 a 49	17	3	20
50 a 54	6	7	13
55 a 59	10	16	26
60 a 64	17	11	28
65 a 69	15	10	25
70 a 74	14	22	36
75 a 79	5	10	15
80 a 84	5	18	23
85 a 89	2	10	12
90 a 94	-	8	8
95 a 99	-	2	2
Mais de 100	-	3	3
Desconhecido	3	-	3
Total	310	247	557

Tabela 2 – Estado Civil (São Joaquim, outubro de 1918).

1918/OUT	Masculino	Feminino	Total
Crianças -18A	16	16	32
Solteiros	22	9	31
Casados	24	11	35
Viúvos	1	5	6
Não diz	40	24	64
Total	103	65	168

Tabela 3 – Estado Civil (São Joaquim, novembro de 1918).

1918/NOV	Masculino	Feminino	Total
Crianças -18A	22	14	36
Solteiros	9	7	16
Casados	10	14	24
Viúvos	2	4	6
Não diz	22	4	26
Total	65	43	108

em tintas de mármore ao preço de 200 reis; cafés, cervejarias e restaurantes com bilhar, como por exemplo, a Pérola Açoriana, e um mercado geral para venda de carnes, hortaliças e fruta fresca. Tem muita imprensa periódica e dois jornais diários, e recomenda-se o passeio a vários jardins, como o jardim António Borges; o jardim do sr. Conde Jácome Correia ou do sr. José do Canto, riquíssimos pela imensa diversidade de plantas. À noite, uma vez alojado num dos hotéis da cidade, poderá sempre usufruir da iluminação a gás e ver uma peça de teatro no luxuoso Teatro Micaelense, próximo à bonita praça que é o campo de São Francisco” [...].

O impacto da Pneumónica...

Por Mont’Alverne de Sequeira, a três de junho de 1919, sabe-se terem sido 727, os mortos atribuídos à Pneumónica de 1918, e pelo Correio dos Açores em 1939, não ter sido ultrapassada a barreira dos 2.000, por toda a ilha de São Miguel. Contudo, o seu número poderá ter ultrapassado este valor, uma vez que sabe-se hoje terem ido muitos a enterrar, mal diagnosticados. Pela Delegação da Cruz Vermelha em Ponta Delgada, sabe-se que deram entrada no posto de socorros 250 soldados, dos quais treze morreram, registando-se o número de entradas máximas por dia em 26, em contraste com 23 saídas. A delegação desta Organização Não Governamental permite afirmar que, no seu universo, ocorreram 5.2% de mortes. Extrapolando, e tendo em conta os valores conhecidos para a demografia da época, os resultados nem foram muito graves se não ultrapassaram os 2.000 mortos, só na ilha de São Miguel. Seja como for, num estudo que começa agora a dar os primeiros passos nas ilhas, espera-se que da conjugação de diferentes investigadores nas ilhas, reunindo este fim de semana na Horta, resultem novas linhas de ação para aprofundar esta temática. Contudo, Ponta Delgada tem mais a afirmar pela análise do cemitério de São Joaquim. Em 1.332 enterros efetuados entre 1917 e 1919, 557 correspondem a 1918 (41.8%) e destes, 307 (55.1%) só aos meses críticos da crise, ou seja setembro, outubro e novembro. Apesar do registo dos mortos não apresentarem a causa de morte, verifica-se a predominância de jovens,

uma das características da “gripe Espanhola”, nomeadamente na faixa etária entre os 15 e os 40 anos, ou seja 116 falecidos, correspondente a 37.8% dos óbitos ocorridos nesses três meses. A predominância é do sexo masculino, cujos fétretos são cinco vezes mais do que a média dos outros meses (entre 1917 e 1919), e no caso feminino, três vezes mais. Estudos similares, embora não tão profundos, fazem jus a este terrível ano em cemitérios de freguesia, nomeadamente o da Ponta Garça. Como tal, não é de admirar que o primeiro presidente da delegação da CVP tenha, no regresso à normalidade e em reunião da direção da delegação da Cruz Vermelha, dado em primeiro lugar as felicitações aos presentes por terem escapado à moléstia.

Mas não só os locais, ricos e pobres, padeceram deste mal. Dos japoneses que o bordo do “Shinsei Maru”(I) deram a entrada na ilha do “Influenza”, cinco ficaram entre nós, juntando-se a 14 americanos e dois ingleses, mexicanos e franceses. Sem que se perceba com rigor a causa de morte, ocorrem quase na totalidade durante o período em análise, sabe-se também que no caso dos americanos, muitos regressaram aos EUA ou aqui ficaram devido a outros fatores, nomeadamente por acidentes ocorridos na difícil travessia de comboios entre as Bermudas e os Açores.

Dado o rápido esgotamento do Hospital de Infetocontagiosos em Santa Clara (apesar do Hospital Americano ter recebido os seus), o Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Ponta Delgada rapidamente ficou sobrelotado por receber pacientes desta e de outras ilhas, Madeira, continente e estrangeiro. A demonstra-lo, os vários mortos oriundos de diferentes freguesias ou vilas que, dada a necessidade de rapidamente os levar a enterrar ou desinteresse da família, acabaram por ficar em São Joaquim. São os casos mais representativos, para além das freguesias urbanas em que são José se destaca de forma particular dada a entrada da pneumónica por Santa Clara, Ribeira Grande, Nordeste, Capelas, Arrifes ou Água de Pau.

Estes e outros dados irão ser aprofundados num conjunto de palestras a decorrer no Museu Militar dos Açores, no âmbito do Dia da Zona Militar dos Açores, a que se sucederá a apresentação de uma exposição sobre os Açores e Ponta Delgada no Armistício, pelo que desde já se convidam todos os interessados a comparecer.

“São Miguel”. Casas cuja arquitetura marcavam pela diferença, de quem tinha emigrado para outras paragens como o Brasil, marcavam largos emblemáticos como o dois de março, encantando quem à noite, e aproveitando a iluminação a gás (depois trocada para petróleo), se dirigia ao primitivo Teatro Micaelense, hoje jardim Sena Freitas, para ver peças de teatro ou cinema mudo. Vestidos à boa moda francesa, levava o senhor de bigode encerado, paletó e bengala, a sua dama pelo braço com a última moda dos chapéus de Paris, vestida de forma elegantíssima, com um vestido comprido até aos pés, mas de cintura fina e muito perfumada. O gracioso casal de filhos refletia o excelente gosto pela moda dos armazéns do Chiado em Lisboa ou dos Armazéns Cogumbreiro em Ponta Delgada. De pés no chão, e o vestuário possível de adquirir, o povo não tinha dinheiro para acompanhar a moda.

Pelo “Guia do visitante” de 1899, dizia-se que São Miguel era uma das nove paradisíacas ilhas portuguesas situadas em pleno coração do Atlântico Norte. Entre as suas indústrias mais importantes, existiam três do álcool extraído da batata-doce em Ponta Delgada, Ribeira Grande e Lagoa. Outras eram a de sabão, cerveja, laticínios, metais (fundição), faianças (cerâmica), havendo carpintarias de alta qualidade na produção de carruagens e mobílias. O comércio era muito importante e feito pelo seu moderno porto principalmente com Portugal continental, Inglaterra, Estados- Unidos, Brasil, Alemanha e França (e que entrou em crise com a guerra de 1914-1918). “[...] Há nesta cidade numerosos agentes e representantes de casas nacionais e estrangeiras como o Banco de Portugal, a Credit Lyonnais; o Cheque Bank; Thecook & son de Londres e o Royal Squadron, entre outros clubes de yatching ingleses. Tem uma estação para correio e telégrafo, na rua de São Brás (rua Machado dos Santos) n.º 4, Polícia Cívica e corpo de bombeiros. Existem viaturas automóveis, paquetes e vapores mercantes que passam frequentemente para a Europa e América, e de quinze em quinze dias para Lisboa. Tem hospital bem montado, com cinco médicos e cirurgiões creditados; banhos quentes ou frios